

# PROMESSAS

## Volta ao FMI e rompimento simbólico da

### ECONOMIA

Sábado, 25-7-87 — O ESTADO DE S. PAULO

# AOS CREDORES

## moratória. Mas Bresser diz que depende de acordo

### Informática

O ministro Bresser Pereira foi depois fazer uma palestra na Sociedade das Américas. Novos banqueiros e investidores fizeram-lhe perguntas sobre privatização na área de informática, que ele sustentou "não ser nem um pouco contra", e também sobre a Constituição. Aqui, segundo deputados do PMDB e PFL que estão passando por Nova York e foram vê-lo, "o ministro Bresser Pereira não se desviou do espaço de manobra que lhe foi concedido pelo presidente e pelo PMDB". Fernando Gasparian até completou para não deixar dúvidas: "Ele simplesmente não pode prometer uma volta ao Fundo, porque o Brasil não a quer".

O ministro Bresser Pereira pode não ter tocado no assunto delicado do FMI durante sua palestra e ao responder às perguntas. Mas, logo em seguida, reunindo-se pela primeira vez com o presidente do Comitê de Bancos Credores do Brasil, William Rhodes, ali mesmo na Sociedade das Américas, o assunto reapareceria. Um pouco mais tarde, de volta ao Hotel Intercontinental, e diante da imprensa, para uma retrospectiva do dia, ele diria:

"Desde o começo estou dizendo que há interesse nosso em ir ao FMI. Estou dizendo isso há um mês. Declarei com todos os 'ss' e 'rr' os limites de minha negociação, como aceitava o Fundo. Fiz o jogo de maneira correta. A única diferença entre minha chegada e saída é que estava preocupado se ia dar certo ou não, e agora podem dizer que é difícil, mas que poderá dar certo. Eles (banqueiros, governo americano e o FMI) não vão criar dificuldades. Só espero que depois façamos acordo com o Fundo. Depois, defenderei junto ao meu governo e à minha sociedade, porque me interessa ficar com o dinheiro dos japoneses e, secundariamente, acertar com o Clube de Paris. Não custa nada regularizar a vida com eles."

— Mas não há concessão a posteriori? Avisar que vai ao Fundo depois não é um compromisso?

"Não há nenhuma concessão" — respondeu o ministro. "O que vai estar escrito no acordo com os bancos é que a única condição para eles nos darem dinheiro é nós pagarmos 100% do dinheiro dos juros deles. Nós pagamos 100% e eles refinanciam 50%. Essa é a justa vinculação que pode fazer quem está financiando."

Na toalha da mesa em que se encontrou com Alan Greenspan, o sucessor de Paul Volcker na presidência do Federal Reserve, havia uns rabiscos, em inglês. Palavras como "pol", para política, "plan", para plano, "pacote", "Fundo", "spread" e "menu", entre outras, ilegíveis. Quem escreveu? O ministro Bresser sorriu e disse: "O Mr. Corrigan, do Federal Reserve de Nova York." A entrevista com o balanço do seu terceiro dia nos Estados Unidos prosseguiu.

— O seu plano já não foi modelado para atender ao FMI?

"Tem moça na sala e não posso dizer", começou o ministro, irritado. Logo recuperou o humor e continuou: "Eles não são imbecis e eu não sou imbecil. Eles querem um pouco mais de aperto mas não podemos fazer. Discutiram isso conosco no Brasil, mas não adiantou. Todos têm elogiado o plano. Está bem-feito, bem estruturado. Mas não é uma carta de intenções com o Fundo, e sim com a sociedade brasileira. Esse maldito plano é uma carta de intenção com cada brasileiro".

— O Brasil está disposto a um gesto de boa vontade, como pediu o Comitê dos Bancos Credores?

"Eu não disse não, em hipótese alguma, eles disseram que precisavam desse pagamento em 20 de outubro. O primeiro a dizer isso foi o Camdessus (o diretor-geral do FMI, com quem o ministro jantou a sós, no dia em que chegou a Washington). Agora, repetiram. Paga lá 100 milhões de dólares e divide de acordo com as proporções. Pediram isso. Eu disse que depende das reservas, do avanço das negociações. O fundamental é que o não-pagamento dos bancos tornou-se um instrumento de negociação para nós."

### Monitoramento

O ministro Bresser Pereira disse de manhã que "a imprensa tinha inventado o monitoramento", e agora dizia que "às vezes tenho a impressão de que vocês estão do lado dos banqueiros", referindo-se aos repórteres sentados em volta de sua mesa. A conversa era sobre a ameaça de que o ministro crie a expectativa de que o Brasil vá ao FMI, depois do acordo dos bancos, e que ele não consiga, afinal, a aprovação do governo brasileiro.

"Eu tenho a intenção de defender junto ao meu partido e junto ao meu governo essa coisa. Esse é o meu compromisso com Mr. Baker (o secretário do tesouro norte-americano). Se ocorrer um fato novo no Brasil (afastando-o desse caminho), terei que vir aqui e explicar que aquele acordo que fiz com Vossa Excelência não posso cumprir, por este motivo, ou aquele outro(...) Vai demorar uns dois meses, a gente vai sentir se esse acordo é viável ou não. A gente vai sentir se o que estou dizendo é viável ou não. Se eu tenho suficiente credibilidade interna para levar adiante essa idéia ou não."

O ministro Bresser Pereira passa o fim de semana descansando em Nova York, "numa programação estritamente pessoal", como ele advertiu os jornalistas. Volta domingo, de trem, para Washington, de onde embarcará para o Brasil, na segunda-feira, depois de encontrar-se com o subsecretário de Estado John Whitmead, o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, e o economista William Cline, do Instituto de Economia Internacional.

Moisés Rabinovici,  
de Washington